

FILOSOFIA, PRÁXIS E EDUCAÇÃO.

José Rômulo Soares

Graduando em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará- UECE

José Nilton Alves Pereira Júnior

Professor do Instituto Federal de Educação do Ceará- IFCE

RESUMO

O trabalho discute as relações entre a filosofia e a educação, realçando as determinações entre prática e teoria, especialmente quanto à efetivação de uma práxis educativa transformadora. De caráter bibliográfico, a investigação em curso aborda relativamente à importância da filosofia para a educação, compreendendo-a como atividade para além da especulação, ou seja, como mediação para a transformação da escola e do mundo, na e pela práxis. Nesse sentido, apresenta a importância da abordagem práxica da filosofia, em contraposição a uma tradição filosófica especulativa e desligada da realidade social. Fundamentada no materialismo histórico-dialético, mormente em Marx, Gramsci e Vázquez, toma a práxis como categoria central da filosofia e da educação, enfatizando a necessidade de refletir a práxis educativa como condição para a mudança da realidade humana. As conclusões provisórias indicam a necessidade da ênfase no trabalho com as relações complexas entre prática e teoria, das quais a categoria práxis contribui sobremaneira para seu entendimento.

Palavras-chave: Filosofia; Práxis; Educação.

Esse trabalho apresenta uma reflexão sobre o que é a prática e sua relação com a teoria, especialmente a teoria revolucionária de Marx. Procuramos retomar algumas categorias de análise do materialismo histórico e dialético em Marx e Gramsci para num breve esforço situar a importância da práxis em suas filosofias. Discuti-la exige uma necessária articulação das contribuições das obras clássicas do materialismo histórico com a formação do pensamento filosófico contemporâneo especialmente em Adolfo Sanchez Vázquez que dedicou muitos anos de sua vida ao estudo da práxis, mormente em sua versão transformadora.

Num primeiro momento debateremos sobre o papel da filosofia como exercício do pensamento, analisando sua constituição histórica, maiormente especulativa, mas também práxis transformadora. A partir da obra “Filosofia e circunstâncias” de Vázquez refletiremos sobre a Filosofia da Práxis como uma filosofia disposta a realizar um processo de transformação do mundo mediada pelo exercício consciente da crítica. Importante também num segundo momento dessa discussão: a práxis educativa, da qual retomamos categorias de Gramsci no debate do elemento educativo como parte integrante e necessária para a práxis revolucionária.

A práxis na perspectiva de Vázquez só pode ser compreendida como atitude de transformação do mundo, na medida em que os indivíduos que a ela se refere e a defende refletem a filosofia num contexto histórico e político. A filosofia na condição de atividade de interpretação do mundo deve ultrapassar a barreira da contemplação do e no pensamento filosófico. A práxis como característica dessa nova filosofia está a serviço da superação da atividade filosófica desvinculada da realidade humana, da filosofia como instrumento de luta social e da relação dela com o conhecimento.

Nesse sentido, Vázquez (2002) expõe ao longo de sua obra “Filosofia e circunstâncias” como também em “Filosofia da práxis” que o pensamento filosófico: a) guarda relação com o conhecimento; b) é ideológica; c) pode ter compromisso com a transformação ou com a manutenção da realidade; d) cumpre uma função social na medida em que trata da relação do homem com a natureza e com eles mesmos.

O marxismo como eixo da filosofia da práxis se apresenta segundo Vázquez (2002, p. 53) em quatro direções: ontológica por tratar das questões entre o pensamento e o ser, ou seja, sua constituição hominal, antropológica na sua relação com a emancipação do homem, epistemológica obtendo caráter científico e com corpo teórico voltado a luta de classes e por fim praxiológica, pois é atividade teórica que inexiste se não conjugada à ação de mudança.

É nessa ultima direção que nossas buscas de exercer o pensamento filosófico são mais intensas no sentido de compreender que o materialismo dialético cumpre sua função de não apenas denunciar o caráter de classe no qual se assenta a sociedade capitalista, mas,

sobretudo de realizar a crítica como etapa para transformação. Assim a filosofia se expressa também como atividade prática e teórica ao mesmo tempo.

A práxis é entendida como uma atividade prática humana, a um só tempo subjetivo e objetivo, ideal e real, espiritual e material, que desemboca na transformação prática, efetiva, do mundo do homem; portanto, trata-se de apenas transformar sua consciência, mas também as relações e instituições sociais que condicionam sua consciência, sua subjetividade. (VÁZQUEZ, 2002, p. 70).

Outro aspecto imprescindível na constituição da filosofia como atividade dinâmico-transformadora é reconhecer seu campo ideológico. Para Vásquez (1997, p. 91) a relação entre a filosofia com a ideologia impede que aquela advogue para si mesma uma unidade teórica visto que seu campo de investigação sofre ao longo dos tempos influência dos determinantes históricos na qual foram constituídos seus arcabouços teóricos com seus defensores. O que importa nesse momento é reconhecer a diversidade de matrizes ideológicas em qualquer época ou em qualquer escola em que os filósofos a defendem.

Conforme o filósofo em destaque, a diversidade na filosofia explica por que desde Platão até os dias atuais não foi possível dar-lhe um caráter científico. Isso, pelo menos nos moldes das ciências naturais, visto que sua própria natureza investigativa da filosofia leva os homens que se dedicam à sua natureza diversa para demarcar interpretações do mundo dos seres humanos e suas relações com a natureza.

Esse caráter ideológico é marcante no materialismo histórico de Marx. A relação de suas premissas fundamentais e as suas propostas de intervenção no mundo para a transformação, ou seja, a elevação da classe trabalhadora como condutora dos processos de produção e reprodução da vida material humana mostra que sua filosofia está mais que em outros tempos relacionada à ideologia. E, mesmo mantendo certa independência em relação a essa última, a filosofia não perde seu status de ciência (pois ela investiga ininterruptamente), ficando a ideologia como componente, uma expressão de seu pensamento e prática.

Como argumentamos desde o início desse trabalho, a direção praxiológica dessa filosofia é elemento importante para nós. A prática como fundamento próprio da filosofia da práxis é para seus filósofos objeto de estudo e por que não dizer, condição necessária para se compreender sua especificidade no contexto histórico da filosofia. Assim, “a prática como critério de verdade” em Marx na sua oitava tese sobre Feuerbach marca um momento significativo na discussão do papel da filosofia como atividade para além da especulação, mas, orienta a prática como forma de intervenção nas relações entre os homens. Sua prática é revolucionária e orientada pela teoria que enxerga o mundo para nele agir. Por isso Marx expõe que “É na prática que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a força de seu pensamento” (MARX, 2010, p.36).

Essa prática revolucionária defendida pelo marxismo mostra que seu conteúdo ideológico é vinculado ao seu papel de romper com a estrutura social de classe. A luta de classes como horizonte teórico é claro em Marx. Quando ele afirma que a história da humanidade é a história da luta de classes, qualifica sua filosofia como atividade ideológica e principalmente política, pois sua crítica denuncia a ideologia burguesa e propõe a ideologia proletária como necessária à mudança.

Vemos, pois que a filosofia não se situa diante da ciência num vazio ideológico. E isso não apenas quando toma a ciência como objeto de análise, crítica ou revisão, mas também quando ela própria opta por fazer-se científica ou por trabalhar de costas para a ciência (ou contra ela). Optar por fazer filosofia de uma maneira ou de outra já é uma opção ideológica. Como o é igualmente fazer filosofia puramente especulativa, separada da prática social, ou filosofia prática ou da práxis, vinculada à transformação real do mundo. (VÁZQUEZ, 2002, p. 101).

Desse modo, a filosofia da práxis nasce de um contexto histórico e político em que o materialismo histórico surge como teoria política negando o idealismo de Hegel. Enquanto este expressa a filosofia como produto da época e resguardado na idéia do Estado necessário, Marx une a filosofia ao problema da desigualdade presente na sociedade, indo

além de mera especulação situando o pensamento filosófico em estrita relação com a sociedade. A filosofia aqui cumpre uma perspectiva social que em Hegel é negada.

A função social da práxis é o ponto fundamental na compreensão da práxis como categoria central dessa filosofia. Ela se insere como a própria razão de ser de uma filosofia que se propõe a luta política das classes populares, visto que denuncia a negação da essência humana no contexto do capitalismo. Assim, na condição de filosofia crítica, interpreta o mundo social dos homens e implanta uma categoria filosófica para nele atuar: a prática.

A prática como conceito/categoria de análise discutida por Vázquez difere daquele conceito de prática cotidiana de caráter pessoal/imediatista. Embora a prática defendida e exposta por nós seja permeada por momentos da vida prática, ela aqui tem uma dimensão social muito peculiar, que a afasta do praticismo cotidiano. Quando Marx diz que “a vida social é essencialmente prática” a prática não é negada como atividade cotidiana, mas é qualificada como essencialmente social, pois ela transforma a natureza, (ou seja, o homem a transforma) numa relação que visa operar no mundo pelo conhecimento, intervindo na realidade. “neste aspecto, “prática” designa, em seu sentido amplo, a atividade transformadora do mundo (entendido este como mundo natural e social; como natureza e sociedade).” (VÁZQUEZ, 2002, p.148).

Nesse sentido, o materialismo histórico como teoria política que nega o homem desprovido dessa essência social/transformadora como prega outras correntes filosóficas, visa à atividade filosófica como atividade de interpretação, ou seja, teórica orientada pela relação que ela estabelece com prática. A transformação da realidade, pois, é o norte de sua teoria como também da prática. Assim, a mudança social, das bases em que se assentam a sociedade capitalista: a apropriação da mais-valia, a propriedade privada dos meios de produção e alienação do trabalho são questões fundamentais para se construir uma práxis revolucionária.

Transformar, sim, e em primeiro lugar, mas transformar com base na interpretação, no conhecimento, na teoria. Interpretar, conhecer, teorizar, também, mas em relação com a prática. Dessa maneira, a teoria cumpre uma função prática não por si mesma, por si só – pois as ideias por si só não mudam nada, não transformam o mundo –, mas em virtude de seu nexos com a prática. (VÁZQUEZ, 2002, p. 151-152).

A práxis a partir dos preceitos do materialismo dialético está a serviço dos interesses da classe trabalhadora, sua relação com a vida material humana é articulada com o sujeito que dela toma parte. A mudança na base produtiva torna uma preocupação da prática na filosofia, pois a sua essência é a transformação, por isso Vázquez, (1997 p. 155) explica que o pensamento e realidade material dos homens devem andar junto e serem concomitantemente objeto de preocupação dos sujeitos da práxis.

O proletariado, como agente fundamental da produção, como a principal força produtiva e como agente histórico revolucionário fundamental, encarna assim, na sociedade moderna, as formas mais elevadas alcançadas pela prática, como transformação da natureza (prática produtiva material) e como transformação do próprio homem e da sociedade (prática revolucionária). Por isso, é na filosofia vinculada aos interesses a à sua prática revolucionária que surge e se elabora- com Marx- o conceito de prática, no qual a filosofia é concebida a partir do ponto de vista da prática. (VÁZQUEZ, 2002, p.158).

A mudança na base material da vida social dos homens, ou seja, sua relação com a natureza, transformada e refletida socialmente deve também ser acompanhada de um processo de busca do significado do projeto de revolução social para além dos próprios interesses da classe proletária. A elevação da consciência na e pela práxis nos conduz aquele conceito em que Marx atribui o conceito de *classe para si*, ou seja, com consciência filosófica. Estágio esse que possibilita a classe operaria a conduzir o modo de produção estritamente ligada aos seus interesses tal como a burguesia agiu na revolução francesa.

É nessa direção, conforme Manacorda (2008) que Gramsci, dando continuidade ao pensamento de Marx apresenta a transformação da sociedade burguesa pela práxis como uma necessidade da classe operaria. A transformação dessa sociedade se dá pela reflexão da classe trabalhadora como alternativa pela mudança, a começar pelo aspecto da ideologia implantada pela classe dominante por meio do senso comum. A crítica à sociedade burguesa é parte fundamental da práxis na concepção gramsciana, donde o núcleo sadio do senso comum se extraia, qual seja o bom senso.

A formação política na filosofia de Gramsci conduzida pelos intelectuais orgânicos permitiria à classe trabalhadora superar uma visão sincrética e desorganizada do mundo e pelo exercício da práxis essa mesma classe elevaria o seu nível cultural elevando suas consciências em um processo contínuo de relação da teoria com a prática. Nesse sentido, a filosofia da práxis em Gramsci retifica o papel da filosofia em Marx como atividade de intervenção do mundo, ainda que mais bem explícito no pensamento do filósofo sardenho, sobretudo pelo espaço que a ideologia ocupa em seu pensamento político.

A práxis política, enquanto atividade prática transformadora alcança sua forma mais alta na práxis revolucionária como etapa superior da transformação prática da sociedade. Na sociedade dividida em classes antagônicas, a atividade revolucionária permite mudar radicalmente as bases econômicas e sociais em que se assenta o poder material e espiritual da classe dominante e instaurar, assim, uma nova sociedade. O agente principal dessa mudança é o proletariado por meio de uma luta consciente, organizada e dirigida, o que pressupõe a existência de partidos que elevem sua consciência de classe e tracem claramente os objetivos dessa luta, sua estratégia e sua tática, que organizem as forças e as dirijam. (VÁZQUEZ, 2011, p. 233-234)

A atividade política mediada pela relação social do trabalho na sociedade capitalista torna-se um meio para a transformação da realidade material dos homens como coletividade, enquanto busca de socialização das riquezas produzidas pelo trabalho. Não o trabalho alienado imposto à classe trabalhadora, mas o trabalho como princípio educativo exposto por Gramsci. Nesse sentido a práxis nessa filosofia é permeada por um caráter educativo das massas, de consciência de seu papel revolucionário e educativo.

É dessa forma que Marx e Gramsci com a proposta de uma educação politécnica dão uma contribuição importante no processo de domínio das forças produtivas pela classe trabalhadora, sobretudo na educação politécnica. Aqui, as forças produtivas estariam a serviço de quem produz riqueza. A escola formará o homem numa dimensão para além da unilateralidade. Não apenas para produção material como também para a formação da consciência política e intelectual. Esse é o princípio educativo defendido por Gramsci: a formação do homem omnilateral.

A educação era para os dois, uma arma muito importante para acabar com a divisão entre trabalhadores e intelectuais, pois, Por ela, o trabalho teria acesso ao saber, adquirindo condições de “controlar o processo de produção/reprodução dos conhecimentos científico e técnicos” (NOGUEIRA, 1990, p. 91). Por outro lado, o “saber” unindo-se ao “fazer” fará com que o operário ultrapasse os limites do senso comum e destrua a barreira que existe entre ele o intelectual. O fundamental na defesa da necessidade do saber é reconhecê-lo como imprescindível para a recuperação da unidade perdida pela evolução da sociedade. A busca desta unidade é a única condição para de passar da unilateralidade para a onilateralidade do homem, para se chegar ao homem completo ou integral. (JESUS, 2005, p. 47).

A educação no trabalho representa a união entre educação e trabalho, numa direção de unir teoria e prática. A distinção/separação entre aqueles que produzem, ou seja, realizam o trabalho material e aqueles que o concebem intelectualmente, expressa na vida prática, a cisão entre os seres humanos como também a exploração decorrente das divisões de classes.

Dessa forma, o exercício da práxis educativa viabiliza a necessária aproximação entre o universal e o particular, o objetivo e o subjetivo, o sujeito e o objeto e principalmente a teoria e a prática. Assim, a práxis permite a passagem da consciência ingênua, desorganizada e burguesa para uma consciência de caráter e rumos filosóficos. Aquilo que Marx fala da atividade como algo direcionado, consciente de uma atividade como prática social realizada por sujeitos sociais e com os sujeitos emancipados. Assim a práxis nessa filosofia é em si educativa, pois ela é operada por sujeitos que na prática refletem teoricamente para sempre transformar.

O processo de mudança educativa de uma sociedade mediada pela práxis revolucionária deve num primeiro plano reconhecer o momento histórico e as condições dadas para a sua realização. Daí ser preciso ultrapassar o estágio de dominação do elemento econômico e ir em direção ao ético-político defendido por Gramsci. Esse movimento dialético condiz com o que o marxismo explicita para sua práxis: a consciência não determina a vida, mas a vida é que determina a consciência. Dessa forma, a práxis transformadora deve orientar

nossas ações educativas, de modo a articulá-la a uma filosofia emancipatória e relacionada à complexidade da vida social.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Carlos Nelson. **De Rousseau a Gramsci: ensaios de teoria política**. São Paulo. Boitempo. 2011.

JESUS, Antonio Tavares de. **O Pensamento e a Prática Escolar de Gramsci**. Campinas, Autores Associados, 2ª Edição, 2005.

MANACORDA, Mario Aligheiro. **O Princípio Educativo em Gramsci**. Campinas, Alínea, 2ª Edição, 2008.

MARX, Karl. **O Manifesto Comunista**. São Paulo, Paz e Terra, 19ª Edição, 1998.

_____. **Textos sobre Educação e Ensino**. Campinas, Navegando, 2010.

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. São Paulo. Expressão Popular, 2ª Edição, 2011.

_____. **Filosofia e Circunstâncias**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2002.